

Os “adols”* e as marcas do corpo; e a dívida?

Jean-Louis Chassaing

Tradução: *Ana Izabel Gomes Corrêa*

— com a colaboração de *Ivan Corrêa*.

São então ‘les adols’ que se deveria dizer; compreende-se-ia melhor porque temos tão freqüentemente que nos queixar!

Jean Bergès

(Pulsion orale et pulsion invocante à l’adolescence. In *Le Journal Français de Psychiatrie – Adolescences imprévisibles*. N° 9 – 1° Trimestre 2000; pp 25-28)

É muito fácil em nossas sociedades, marcadas entre outros aspectos pela supervalorização das informações – pode-se dizer dos saberes? – pescar “no social” sinais distintivos para se apropriar. Assim o adolescente, desde sua mais jovem idade, estará sob influência de um exterior que virá fácil e maciçamente lhe dar suas marcas que ao mesmo tempo o agregarão a seus semelhantes,

* Abreviatura de *adolescents*. (N.dos T.)

SOBRE A PATOLOGIA

delicadamente “escolhidos”, e o tirarão das inscrições do meio familiar. Podemos dizer que estas marcas hoje se distinguem por serem apreendidas no campo da imagem, do *look*, no campo do real – a violência, o roubo, a apropriação –; quanto ao campo da linguagem ele é antes representado ao mesmo tempo por uma redução do vocabulário clássico, da conveniência do fraseado, uma espécie de empobrecimento global, e por vontades criadoras de palavras e de expressões com valor de fórmulas repetitivas, mais capazes de apropriar-se do real, e sinal de reconhecimento do “vocábulo-moda”. Há também a droga, que marca os corpos e os espíritos, que arrebatava o corpo todo, libera a palavra de seus constrangimentos, isto é, como já notava FREUD(1915): “da supressão das despesas em recalque, obtida por um meio tóxico”. (*Luto e Melancolia*)

Há igualmente marcas estranhas que proliferam nas peles, tatuagens, piercing e escarificação, ferreteamento* – e sobre as paredes, portais e vagões – pichações. Voltaremos a isso.

A clínica mostra-nos sem cessar que trata-se neste campo da problemática destes três conceitos: a família, a sociedade e o próprio sujeito em questão, entre o partícipio presente do adolescente e o partícipio passado do adulto.

Jean BÉRGES apóia-se na etimologia: *adultus*, quem terminou de crescer, e *adolescens*, crescendo (*opus cit.*).

Da mesma forma ele lembra “a raiz essencial, ‘ol’, variante de *al*, que corresponde a alimentar, representada em latim por *alere*, alimentar, *alescere*, alimentar-se, crescer (*altus*: quem terminou de crescer)”. Assim sua “proposição”, ao mesmo tempo engraçada e nutrida de etimologia, permite-nos falar de “adols” muito mais que de “ados”, formulações, contudo, que englobam sob o unisexo: as adolescentes e os adolescentes.

* *Branding*, no original. Trata-se da prática de marcar a pele com ferro quente, semelhante ao modo como se ferram os bois. (N. dos E.)

Foi uma jovem mulher¹ quem me iniciou nesta questão das marcas do corpo. Heroinômana, bonita, atraente e sedutora, ela falava de suas explosões de cólera, violentas: ela batia em seu companheiro, ela mesma se batia nas paredes, batia as portas, quebrava as louças... e lamentava, chorava todas as lágrimas de seu corpo. Seu corpo, ela o mostrava: realizava como modelo algumas sessões de fotos de moda. Seu irmão, mais velho, com quem ela tinha “aprendido a toxicomania”, era freqüentemente hospitalizado devido a isso. Ele também era violento. Seu pai era alcoólatra, ela o tinha “acompanhado” um tempo, depois do divórcio parental, ainda jovem adolescente; quer dizer que assistira a decadência do corpo paterno, ela o conduzia, lavava-o, limpava suas sujeiras, sofria as imprecações alcoolizadas, vulgares, confusas, malvadas. “Pobre cara!”; manifestamente. Ela era frígida. Trabalhava algumas vezes como garota de programa de uma boate, a qual era freqüentada não somente por homossexuais, mas por “figurões” da cidade. Não a vi mais depois de algumas sessões: ela viajou como figurante no filme *Joana d’Arc* de Luc Bresson, persuadida de que o destino a colocava diante de uma abertura de carreira... de representação – atriz. Até então isto não aconteceu! Ela foi atriz de outra forma. Apaziguava seu mal-estar em certos momentos. Ela fazia pintar, durante 5 a 6 horas, o corpo nu, por uma jovem pintora, e participava assim das “convenções” em Madri, Paris, Londres ou Amsterdã. Tratava-se de espetáculos nos quais desfilavam nas cenas os amadores de piercing, escarificação, ferreteamento* e outras violências eróticas dos corpos. Ela ficava lado a lado com as personagens mais estranhas, que faziam de seus corpos tela, escultura, decorações mais ou menos estéticas, ou mesmo torturadas. Ela era bastante crítica em relação a eles. Não se sentia, enfim, “bem”, a não ser assim: nua, mas “fantasiada”, sem que se pudesse reconhecê-la. Pintada. Vendo-a, olhando-a sem que se visse que era ela. Nua, mas borrada. Charles MELMAN revelou a expressão que utilizei; ela se fazia... “entelar”!

* Vide nota da pág. anterior. (N. dos E.)

SOBRE A PATOLOGIA

Depois vinha o fim do espetáculo. A jovem mulher parecia perder todo seu ser na banheira: quando ela via escorrer a pintura de seu corpo pelo ralo. É o seu corpo do bem-estar que partia, se desenrolava pelo buraco do fundo...

Os estudos, pouco numerosos, sociológicos, quase inexistentes em Psiquiatria, ligam bem evidentemente, por senso comum mais que por tradição, as marcas à pesquisa identitária. É o caso, por exemplo, do melhor desses estudos, o trabalho de David LE BRETON². Este pesquisador, professor na Universidade de Estrasburgo, descreve, nestas “*bricolagens dos signos identitários*”, um “*encaminhamento inédito das marcas corporais em nossas sociedades ocidentais.*” Ele distingue notadamente “*a marca tradicional, [que] é vontade de dissolver sua diferença pessoal*”, da marca que

em nossas sociedades contemporâneas apresenta pelo avesso a individualidade, isto é a diferença do próprio corpo, separado dos outros e do mundo, mas lugar de sua liberdade no seio de uma sociedade na qual ele está apenas formalmente unido.

Mas também:

A marca corporal é muitas vezes uma tomada de autonomia, uma maneira simbólica de tomar posse de si. *O corpo legado pelos pais é para ser modificado.*

Guardamos esta última frase.

Mas: O que é a identidade?

Confunde-se ela com a cidadania? É sexuação, posição social no sentido mais global, definição política, psicológica?

Charles MELMAN, num artigo do *Bulletin de l'Association Freudienne*³ define quatro componentes da identidade:

OS “ADOLS” E AS MARCAS DO CORPO

— Um componente imaginário, o que nos funda sobre o outro.

— Um aspecto simbólico; é a identidade que tem a ver com o traço, com o significante.

— Uma identidade ligada ao lapso, isto é ao que vem a emergir do inconsciente, identidade ligada ao desejo.

— Um componente que se efetua pelo sintoma, específico de nossa particularidade, de nossa história.

É bem evidentemente ao seminário *A Identificação*, dos anos 1961-1962, que a questão do traço nos enviou. LACAN, contudo, fala mais precisamente da marca nos anos anteriores. Ele a associa evidentemente de imediato ao grupo, à marca de pertinência, mas ele não se contenta com isso. E aí se estabelece sua elaboração própria, a sua, a do posicionamento específico da Psicanálise.

No seminário *As formações do Inconsciente*, em 1958, a propósito da castração, operação simbólica portando sobre um objeto imaginário, mas que é também e antes de tudo um significante (“*o significante domina em relação ao órgão*” diz LACAN), é evocada a importância da marca para que este dito falo seja imprimido, seja testemunho daquele que sofreu a castração. Aqui a marca é considerada como um primeiro passo, essencial e necessário, para o que é um significante; passagem pela castração. Esta idéia faz provavelmente LACAN escrever esta frase meio enigmática:

O complexo de castração é a relação de um desejo de uma parte, com, por outro lado, o que chamarei nesta ocasião uma marca.

Ele precisa:

... eu não disse, isto não quer dizer que é esta marca que modifica o desejo (...) Há talvez neste desejo uma hiância que permite a esta marca tomar sua incidência especial...

SOBRE A PATOLOGIA

A marca aqui, neste seminário de 1958, tem *valor qualitativo*. LACAN cita aí os sinais da antropologia, os rituais, a circuncisão, os ritos de puberdade, as tatuagens. Não é feito unicamente para o “*falasser*” um signo de pertinência, mas:

Isto imprime o sujeito... a marca e a impressão, de um acesso a um certo estágio do desejo...

Assim a marca e a confrontação, o encontro, do significante e do desejo.

A coerência das elaborações de LACAN, seus fios condutores ao longo de sua obra fazem que encontremos, a partir de outra elaboração ulterior, esta mesma idéia mais tarde. No seminário de 1971, *De um discurso que não seria do semblante, é acerca do não “rapport” sexual*, o qual “necessita” a intervenção operacional da *castração* para elaborar esta hiância na linguagem que faz contraponto a este biológico da reprodução, é a este respeito que LACAN traz os rituais de iniciação, as incisões, etc.

Eles imprimem sua marca sobre este órgão particular, órgão funcionando como símbolo, o falo, falo que ordena enquanto terceiro, enquanto coloca no impasse o gozo...

Retenhamos também o falo enquanto que “*órgão particular*”.

Voltemos ao seminário de 1958. LACAN continua seu ensino e seu trabalho, sobre a função do significante. Ele faz referência a *Totem e Tabu*, “FREUD aí conjuga o desejo e o significante”, afirma ele, e compara a função do totem àquela do objeto fóbico; a função em sua relação ao significante. Significante fóbico, pois gostamos de lembrar no contexto deste artigo que LACAN falou do “brasão da fobia”.

Significante fóbico, significante totem: um e outro têm lugar de significante que falta a este que as significações possam sustentar. Significante que tem lugar do que faltou “à boa sustentação” da metaforização fálica. Aquilo que a psiquiatria

OS “ADOLS” E AS MARCAS DO CORPO

“moderna” chama “fobias sociais” em seu desenvolvimento quantitativo, teria sua origem nesta “falta de sustentação” da metaforização fálica em nossas sociedades?...

De qualquer forma LACAN coloca o totem como significante-chave, graças ao qual tudo se ordena e principalmente o sujeito. E, particularidade, distinta do significante fálico neste significante chave o sujeito encontra o que ele é! O que é dele? É em nome desses totens que para ele, sujeito, se ordena também o que é interdito... Nesta relação, isto não é sem evocar o que LACAN desenvolverá no seminário *A Identificação* quanto ao sujeito e ao traço unário.

Continuemos, então, em 1958.

Sempre na prioridade de precisar a função do significante em sua relação à constituição do sujeito, uma passagem do seminário dá indicações discriminativas precisas. O que é um significante?

Trata-se de uma marca? Não: uma marca é uma impressão, não é um significante, sente-se bem que pode haver aí uma relação, e que em verdade o que se chama o material do significante participa sempre um pouco do caráter evanescente da marca. Isto parece ser uma das condições de existência deste material significante. Não é contudo um significante, mesmo o pé de Sexta-Feira (para Robinson)... não é um significante... mas ao contrário supondo que ele, Robinson, por uma razão qualquer, apaga esta marca, aí introduzimos nitidamente a dimensão do significante.

Então: no significante há uma marca, podemos dizer o passado, algo de passado, uma presença passada, é o “*significante enquanto que cadinho*”. “*Inversamente*” no “*significante plenamente desenvolvido*” – a palavra – “*há sempre uma passagem... algo que está além de cada um dos elementos que são articulados, que são sempre fulgazes, evanescentes,...*”. O que conta, “*O que faz ler*”, é a passagem do um ao outro, isto é, esta necessidade de uma cadeia significante,

não ainda articulação, precisa LACAN. “*Mas eu não disse que se tratava aí ainda de articulação*”; simplesmente o significante só pode fazer cadeia.

Assim podemos dizer que o passado é a *marca*: é uma “*emergência*”, mas: o *significante*, não é emergência, ele é “*evanescência*”; trata-se de uma passagem habitual, atualizada; há um além, é isto que faz dele uma lei.

Passaremos mais rapidamente sobre os outros três seminários nos quais observamos que LACAN falava da marca, mais rapidamente, pois as passagens são demasiadamente estreitas, ligadas a inteira elaboração de cada seminário.

É certo, *A Identificação* (1961-1962) retoma esta última dimensão da relação do sujeito ao desejo que é o falo. É nesta segunda identificação freudiana, a que “*só é apreensível sob o modo da abordagem pelo significante puro*”, que LACAN isola este traço unário, este **Einzigkeit**, o só, o único, o singular, este traço que uma vez isolado faz aparecer o sujeito como aquele que conta – no duplo sentido do termo. Um unário contável, com seu paradoxo:

Quanto mais ele se assemelha – mais tudo o que é da diversidade das semelhanças se apaga – quanto mais ele suporta, mais ele ‘un-carne’ (um-carna) a diferença como tal.

Questão do traço unário em sua relação ao I, ao Ideal do eu.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em 1964-1965, ele retoma esta relação do sujeito, segundo em relação ao significante, notadamente

este primeiro significante, o entalhe por onde ele é marcado, por exemplo, que o sujeito matou um animal...é a partir deste traço que ele contará, traço unário que vem substituir na memória a muitos outros qualificativos,

OS “ADOLS” E AS MARCAS DO CORPO

a muitos outros significados (ele não se atrapalhará em sua memória quando terá matado dez outros).

O traço unário, o próprio sujeito se oriente, e antes de tudo ele se marca como tatuagem primeiro dos significantes.

Mas aqui ele traz uma outra dimensão – talvez seja a mesma? – a propósito da pulsão e da transferência, a propósito da libido, esta sendo definida “*não como um campo de força, mas como um órgão*”. Eis de novo a questão de um órgão, aqui

órgão irreal, (...) irreal, mas que se encarna (...). Uma das formas mais antiga a encarnar no corpo este órgão irreal, é a tatuagem, a escarificação. O entalhe tem, muito bem a função de ser, para o Outro, de aí situar o sujeito, marcando seu lugar no campo de relação de grupo entre cada um e todos os outros. E, ao mesmo tempo, ela tem de modo evidente uma função erótica, que todos aqueles que se aproximaram da realidade perceberam.

Esta função erótica, LACAN a retomará a propósito da marca no seminário *O avesso da Psicanálise* (1969-1970). A propósito da repetição ele evoca esta como ligada à “*função do traço unário, a forma mais simples de marca, a origem do significante*”. O texto, difícil, elabora a questão da repetição e da perda de gozo. Ele faz referência a “*esta busca de um gozo ruinoso*”, à do masoquismo, e situa o erótico em sua relação à marca e à fantasia fundamental, fantasia

...radical: a associação, no que está na base, na própria raiz da fantasia, dessa glória da marca... a marca sobre a pele, de onde se inspira nessa fantasia o que não é outra coisa senão um sujeito se identificando como sendo objeto de gozo... nessa prática erótica, a flagelação, o gozar toma aqui, é a seu nível e a nenhum outro, a ambigüidade que se equivale, que toma aí a identidade do gesto que marca, e do corpo objeto de gozo (...)

A afinidade da marca com o gozo do corpo mesmo indica que é somente do gozo, e de modo nenhum de outras vozes que se estabelece a divisão de que se distingue o narcisismo e a relação de objeto.

As marcas do corpo são um modo de afirmação, marcas de um desejo e de uma erótica, inscrição no real do corpo onde a afirmação prescindiria da linguagem. O corpo é apropriado para entregar uma afirmação individual ao olhar do outro, a leitura sendo tanto, por vezes essencialmente, a do ato de inscrição como a do desenho e da letra. Por exemplo, e aí nos muros da cidade, as pichações têm raramente um conteúdo de leitura, e são apenas desenhos; traços ou esboços de letras. Se o gozo fálico é fora-do-corpo, as marcas do corpo estariam “fora-da-linguagem”? Não é surpreendente que elas “agarrem” os adolescentes, eles que têm tantas dificuldades com a linguagem e com o desejo, eles que são tão tomados pelas transformações de seus corpos. Estas marcas não têm valor de significantes, elas não são os equivalentes deles, elas teriam, contudo, a função de indicar, de fingir o equívoco e o *semblant* da linguagem para uma compreensão e mesmo para um reconhecimento.

O que, de fato, não está longe do brasão fóbico...

Como indica LACAN, tatuagem, escarificações, são de alguma forma uma matriz do significante, mas aqui um traço fundido num Eu Ideal, bem mais que do lado do apagamento do rastro, então aí significante. Pode-se confundir marca do corpo – tatuagem, por exemplo – e traço unário, se bem que ambos sejam matriz significante. Sem dúvida uma é inscrição, “um-carnação” (*un-carnation*) como diz LACAN, mas aqui tomada em bloco, inscrita no real do corpo e num Eu Ideal narcísico; o outro, o traço unário, o um, está alojado em sua vetorização significante do lado do Ideal do Eu.

Uma característica exhibe isto: é a intencionalidade do ato, visando a uma apreensão que seria deliberada de seu próprio corpo. Esta apreensão tem a dupla particularidade seguinte: ela marca o

OS “ADOLS” E AS MARCAS DO CORPO

corpo, e enquanto marca ela seria apagamento do significante e re-criação. Tratar-se-ia quase de um ato de auto-engendramento. Queremos dizer com isso que o corpo e a história seriam pontuados – pontuação, puntiforme – pelo atual, o presente (os companheiros, o social, a moda, as informações etc), colocando, pelo menos parcialmente, de lado a inscrição no passado. Inscrição obrigatória do passado, sujeito tomado nas malhas de sua história, entregue assim à dívida simbólica. E a matriz da dívida, o mínimo, não seria que o gozo total é interdito para “falasser”, o que o assassinato do pai de *Totem e tabu* só faz reforçar e mascarar. A interdição do gozo total é o que ordena, quer se situe no nível do pai ou nas leis da linguagem.

Todo exercício do gozo comporta alguma coisa que se inscreve neste livro da dívida na lei. (LACAN; Seminário *A Ética da Psicanálise*, aula de 16 de março de 1960).

As marcas estão no corpo; elas são evitamento do fálico, evitamento da castração; elas são retorno; retorno ao entalhe.

O “adol” é tomado entre as marcas de um social cuja uniformização, o individualismo (será um paradoxo?), e assim o anonimato o ajuda (?...) a se libertar de sua família, e esta libertação de um passado que o condena a ser uma marionete desarrimada, antes que um simples ator de seu passado cujos fios significantes o guiam “apesar” dele.

Nossa época libertou-se da dívida simbólica?

Entre “O passado é passado” e o “no futuro” o que é que se deixa para os adolescentes? É difícil hoje fazê-los admitir que o que eles tomam – com a ajuda do social – como impotência, no seio familiar ou outro, pode ter a ver antes com o impossível. E vice-versa, pois parece-nos que estes dois “conceitos” estão em nossos dias lançados na maior confusão.

Então entre os imperativos do significante e os imperativos do objeto, especialmente de consumo, eles se re-marcam e se fazem re-marcam...

SOBRE A PATOLOGIA

O corpo ter-se-ia tornado a nova bobina dos tempos modernos, onde se inscreveriam ao mesmo tempo o objeto e o significante?

Notas

¹ CHASSAING, J.L. Elodie au corps peint. In *Le Discours Psychanalytique* N° 22, La Grimace de l'objet, Octobre 1999.

CHASSAING, J.L. Faire son trou; se remarquer. In *Cahiers de l'Association Freudienne Internationale*, Les enveloppes du corps, Journées d'Études des 27 et 28 Mai 2000.

² LE BRETON, David. *La Peau et la Trace – Sur lês blessures de soi*. Paris: Ed. Métailié, 2003.

———. *Signes d'identité. Tatouages, piercings, et autres marques corporelles*. Paris: Ed. Métailié, 2002.

³ MELMAN, C. Les quatre composantes de l'identité – Conférence prononcée le 27 Octobre 1990 à l'hôpital Bicêtre, dans le service du professeur Féline. In *Bulletin de l'Association Freudienne* N° 43, Juin 1991.